Sobre o Amor e Suas Conseqüências

Alex Vidigal Rodrigues de SOUSA
Mauro GIUNTINI
Universidade Católica de Brasília, Águas Claras, DF

APRESENTAÇÃO

Este projeto experimental de conclusão do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Católica de Brasília tem como resultado a estruturação de um DVD intitulado **Sobre o amor e suas conseqüências,** com dez produtos audiovisuais captados durante os últimos três anos em que acompanho o casal de namorados integrantes da banda de Eletro College Punk chamada *Lucy and The Popsonics*. Estes produtos consistem em: um vídeo documentário homônimo ao DVD, "Sobre o Amor e Suas Conseqüências" que narra histórias do relacionamento de Pil e Fé, com a conseqüente criação da banda em questão; um desfile de moda com as coleções das estilistas Elis Janoville e Fernanda Ferrugem, no qual a banda se apresenta; uma gravação em estúdio de um dos primeiros ensaios do grupo; um vídeo-minuto feito com o *Lucy*; dois ensaios experimentais a partir de conceitos da banda; dois clipes; um making of de um link ao vivo para o DF TV; e o show lançamento do clip "Estetoscópio". Além da concepção do DVD em si.

OBJETIVOS

Tomei a decisão de fazer deste memorial descritivo uma análise narrada em primeira pessoa. A necessidade é explicitar a experiência de ter entrado no relacionamento do casal e mostrar a concepção de cada um dos dez produtos, mas com ênfase mais profunda no vídeo documentário e no clipe "Estetoscópio". Penso ser mais prudente fazer desta forma para desenvolver melhor não só uma reflexão sobre os produtos em si, mas sobre meus últimos seis anos de realizador no digital e minha vida inteira de paixão pelo cinema. Não há como dissociar um do outro. Para melhor sistematizar, este memorial está esquematizado como as etapas dos relacionamentos: encontrar o outro (que se chama *Como a Paixão Reinventou o Amor*, em três atos), conhecê-lo *(O Amor em um Tom Passional pelo Fashion,*em dois volumes), envolver-se (*O Amor Reproduzido Digitalmente ou O Amor na Época da Reprodutibilidade Técnica*, uma trilogia) e descobrindo os defeitos (*Anatomia de um Crime Passional*, em dois tomos). A escolha desse procedimento tem como análoga a forma de um documentarista agir nas etapas de fazer um documentário. Essas são: motivação, pesquisa, captação e pós - produção.

JUSTIFICATIVA

O amor não só é a razão da existência do casal, como deste trabalho e, também, sua justificativa. Poderia ter escolhido vários discursos para apoiar este projeto, mas prefiro o amoroso, este diz mais. Faço minhas as palavras de Roland Barthes, quando o parafraseio, dizendo que a necessidade deste projeto final se apóia na seguinte consideração: o discurso amoroso, aqui proposto, é hoje em dia de *uma extrema solidão*. Este discurso talvez seja adotado por milhares de pessoas (quem sabe?), mas não é sustentado por ninguém; foi abandonado pelas linguagens circunvizinhas: ou ignorado, depreciado, ironizado por elas, excluído não somente do poder, mas também de seus mecanismos (ciências, conhecimentos, artes). Quando um discurso é dessa maneira levado por sua própria força à deriva do inatual, banido de todo espírito

gregário, só lhe resta ser o lugar, por mais exíguo que seja, de uma *afirmação*. Essa afirmação é, em suma, o assunto deste projeto final que começa.

MÉTODOS E TECNICAS UTILIZADAS

O projeto experimental propõe a elaboração de um produto comunicacional construído por três palavras - meu professor orientador disse não se tratar de palavras, mas conceitos. Vamos chamá-las de palavras-conceitos que são: cinema, banda e amor. Não que elas venham organizadas por grau de importância. Porque o trabalho existe a partir do amor. É ele o motivador da banda existir e do meu trabalho continuar.

O cinema, que surgiu no final do século XIX, passou por inúmeras transformações e tomou vários nomes, mas nunca deixou de ser uma expressão audiovisual. Do artístico artesanal ao entretenimento industrial, muitos são os produtos em pouco mais de um século de existência e inúmeros são os gêneros derivados desta invenção, o cinematógrafo, que de uma curiosidade passou a uma necessidade de expressão e um veículo de informação. Nem o próprio Georges Méliès imaginaria que a caixa de truques luminosa utilizada para iludir os espectadores seria responsável pela maior revolução imagética dos últimos tempos e que seria homenageado, passados 100 anos, por novas expressões audiovisuais, entre elas, animações, televisão, vídeoartes e videoclipes. E o irônico é que “a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica” não ficaria apenas na mão dos burgueses, como diria e pensou Marx. *Graças* ao capitalismo e à sua necessidade de tudo transformar em produto, e aos avanços tecnológicos - do nitrato de celulose à tecnologia digital - foi possível o acesso mais “democrático” para novas realizações como este projeto final.

A banda, um fenômeno já existente nos primórdios do século XX, quando era chamada de “Big Band”, ao contrário do que muitos pensam, não é exclusivamente de rock. De certa forma... O proposto neste projeto é desenvolver um trabalho com uma banda de Eletro College Punk chamada...O que é Eletro College Punk? Vamos por partes.

Eletro vem de Música Eletrônica, que é como a bateria da banda é concebida. Diz respeito a como é feito o som. Por ruídos eletrônicos e sons de bateria sintetizados é que aparece um(a) protagonista desta história: Lucy, bateria eletrônica da banda.

College vem de College Rock, que é um gênero nascido das canções de rock alternativo mais tocadas, em meados dos anos 80, nas rádios das faculdades. Mais voltado para jovens saindo da adolescência e entrando em novos campos de dilemas, seu nome diz respeito às características do som. Seus maiores expoentes são os Smiths e o R.E.M. (que a Fê mal pode ouvir falar sem dar um ataque de fã).

E **Punk** quer dizer... Punk mesmo. Diz respeito à atitude do som. Não só está ligado ao movimento furioso de contestação de bandas inglesas, como Sex Pistols e The Clash, no ano de 77, mas, antes de tudo, a uma atitude de *do your self* (o famoso *faça você mesmo*) que já tinha nascido muito antes, com bandas como Stooges e Ramones.

A forma de captação de cada um dos produtos será relatada aqui e seu desenvolvimento e finalização são cenas do próximo capítulo...

Vídeo documentário: Sobre o Amor e Suas Conseqüências

Aconteceu de forma bem espontânea a vontade de documentar *Lucy and The Popsonics*. Para ser sincero, a história da banda sempre foi o grande McGuffin, um termo empregado no mundo hitchcockiano que quer dizer *nada*, mas em torno dele

acontece algo relevante. O mais importante para mim, e com certeza para eles também, era o relacionamento deles. Então só precisava desse McGuffin, a banda, para poder chegar ao principal. A captação desse documentário começou na verdade bem cedo - tanto que já em 15 de janeiro de 2005 tinha filmado praticamente todas as entrevistas com Pil e Fê e confesso que hoje não gostaria de filmar mais nenhuma com eles, para não tirar aquela sensação apaixonada inicial, cheia de esperança deles na banda. Mas confesso, também, que fiz mais uma entrevista em16 de dezembro de 2006, para perguntar sobre uma faceta bem emblemática da carreira deles, que era o marketing da banda – este, o maior mérito de todas as conquistas. A princípio, parece que estou a contradizer o McGuffin com esta atitude. No entanto, observo que essa foi a maior articulação como casal que fizeram dentro da banda. Até porque não foi por tocar - eles não sabem tocar nem cantar.

Sobre as entrevistas captadas, a cada tópico diferente sobre a vida deles, optei por uma mudança de set e figurino e cenário. Mas todas tiveram como locação o Conic, por motivos mais que pessoais, meus e deles, e por ser onde aconteceu o primeiro beijo do casal. O máximo de atuação deles que pedi foi na reconstituição, como ação e não como discurso, do primeiro beijo. Porque na construção da história de qualquer relacionamento, o primeiro beijo é inesquecível!!! (ou na maioria das vezes...)

O método de gravação foi no estilo do Cinema Verdade, equipe mínima de gravação. Um câmera, ou melhor, *the camera woman*, Rafaela "Ramona" Rodrigues, um operador de áudio/entrevistador/diretor (eu mesmo, que assumi estas três funções), e uma produtora, Nara Lacerda. E diferente de Jean Rouch, pai deste estilo de documentário, os entrevistados em questão tinham uma figurinista, ou melhor, sua figurinista Karla com K. O método de entrevista se conduziu próximo a como Eduardo Coutinho conduz suas entrevistas, deixando os entrevistados contarem histórias envolventes e envolvendo-se continuamente. Pelo uso da captação digital, não era preciso podar o tempo de fala e o quanto gravar, diferentemente do que aconteceria se fosse feito com alguma bitola como 16mm ou 35mm.

Quanto à estética dos planos, optei por mais abertos, não fechados como faria Coutinho para valorizar as expressões dos personagens. Para mim, era importante valorizar o figurino. Como Rafaela e eu somos muito próximos do casal, não houve resistência por parte do Pil e da Fê para responder. Chegaram até a discutir na frente da câmera...Várias vezes.

Com a ascensão da banda, acompanhei e registrei os shows mais significativos em 2006, antes da gravação do disco. Estes shows foram do Armazém Rolla Pedra em 22 de abril, 33ª Noite Senhor F em 26 de maio, Festival Porão do Rock em 3 de junho e no Bananada de Goiânia em 20 de maio.Um novo registro só foi feito em 10 de agosto de 2007 na FNAC, na apresentação do grupo pela estréia do videoclipe da banda.

As demais entrevistas dependem muito do tópico tratado. As pessoas próximas e que conhecem o relacionamento dos dois, já foram entrevistadas. Aquelas ligadas à carreira deles foram entrevistadas até antes da fase da elaboração do álbum,quando precebi que a carreira tomaria um lugar maior que o casal, pelo fetiche da fama. Ai, vejo que o McGuffin tem seu sentido. Por isso, na época de fechar o roteiro do documentário, solicitei um apresentador, Lauro Montana para afirmar que o video-documentário não era sobre o *Lucy and The Popsonics*, mas sobre o relacionamento. As passagens com o Montana foram gravadas em 19 de outubro de 2007 em três lugares, todos no Conic. A primeira foi feita na Musimed, a segunda no lugar onde foi o primeiro beijo de Pil e Fê, e a terceira nos corredores da Galeria do Miguel Badya. O resultado, só assistindo o documentário.

Videoclipe da banda: Estetoscópio

No meu cronograma constava a realização de um videoclipe do Lucy ainda no recesso das aulas na Católica, em 04 de julho de 2006. Foi escolhida uma das músicas lançadas oficialmente na coletânea do Armazém Rolla Pedra, antes do álbum "A Fábula (ou Farsa?) de Dois Eletropandas", que até então eram duas: **Estetoscópio** e **Coração Empacotado**. Optei fazer Estetoscópio porque desde a primeira vez que ouvi, me lembrava muito os meus antigos jogos do Atari dos anos 80. Então pensei: por que não desenvolver um clipe todo com a estética dos anos oitenta? Já na pré-produção, ficou destinado à Karla com K montar o figurino que tivesse uma leitura retrô, porém não se distanciando de referências atuais, para não ter um tom datado. Pesquisei, para captação, a possibilidade de o trabalho todo ser feito no *Chroma Key*, ou *Blue Screen*. Existiam algumas limitações para serem dribladas com relação ao estúdio do CRTV, onde seria gravado o clip. Como o estúdio era condicionado para servir de laboratório na disciplina Telejornalismo, o *Chroma Key* não ia até o chão, dificultando qualquer gravação de corpo inteiro sem denunciar o chão. Então, pesquisando os princípios dessa tecnologia, minha principal ajuda foi o documentário sobre o filme *Os Pássaros* de Alfred Hitchcock, *Os Bastidores dos Pássaros*. Pensei em colocar um pano de mesma tonalidade do azul do *Chroma* cobrindo todo o chão e ver como ficava no recorte no *Chroma*. Após alguns experimentos com tecidos diferentes e tons de azul, encontrei no tecido TNT e no tom Azul Royal a resposta. Essa foi realmente a parte mais experimental deste produto.

Na captação do clipe, estava presente Pedro Ladeira, já fotógrafo oficial da banda e que também virou diretor de fotografia do clip e fez os stills. Para câmera chamei Cleidson Dutra, já familiarizado com as câmeras de estúdio que estavam sendo usadas. Fábio Lima comandou o suporte de câmera, da luz e gravação do videoclipe. Karla com K foi a responsável por figurino e maquiagem. Rafaela Rodrigues foi produtora de set ocasional, porque não tinha pensado em produção e ela me ligou, bem na hora, e se ofereceu. Além do casal em questão.

Orientei Pil e Fê para que fizessem movimentos mais contidos, porque iríamos fazer várias tomadas diferentes em plano geral, plano conjunto e plano médio, de quatro pontos diferentes de câmeras além dos closes, e poderia ser difícil, ou impossível, montar se não houvesse continuidade dos movimentos. As luzes dessa gravação eram intensas, para recortar melhor o *chroma*, e isso era outro motivo para serem moderados, porque com a roupa do figurino, que era pesada, mais a quantidade de luzes ligadas, holofotes de mais de mil watts, mais o esforço dos movimentos, ficariam desgastados muito rápido. Esse processo de captação foi concluído com êxito após quatro horas de estúdio e mais de 30 tomadas de câmera.

Vídeo-minuto: Isso é um Mosh?

Alguns dos outros produtos nasceram espontâneos como o vídeo-minuto. Com imagens já captadas para o documentário, desenvolvi um produto para concorrer no Festival do Minuto Regional de Brasília de 2005. Revendo um trecho das imagens gravadas do show do Lucy em 14 de Abril de 2005 na casa de espetáculo Zoona Z, decidi fazer um filme-minuto definindo a palavra *mosh*.

Videoclipe cover: Die Girl

Outro produto também espontâneo desenvolvido a partir das imagens gravadas foi o clip da música *Die Girl* da banda The Bloody Blowjobs. Depois de ter filmado a passagem de som no dia 26 de maio de 2006 no Gate`s Pub para a apresentação na Noite Senhor F, percebi uma potencialidade na imagem, ironicamente, causada pela limitação técnica dos materiais usados por mim. Usava uma câmera mini-DV compacta precária, e a imagem gravada ficou bem granulada, o que criou uma compatibilidade entre a imagem e a música. A pouca luz do ambiente, somada à incapacidade de manipulação do obturador da câmera, e à luz intimista provocada pelo seu posicionamento, construíram uma atmosfera conciliada entre letra e som. E devido à baixa qualidade na captação de som, veio a idéia de montar aquela música captada em um videoclipe.

Making of da reportagem: Lucy no DF TV quadro Novas Bandas

Algo que era apenas um registro para o documentário, acabou como produto apenas pelo ato de sua captação. Em 27 de janeiro de 2006 a banda foi convidada a participar de um link ao vivo do DF TV terceira edição no quadro Novas Bandas. Fui com Pil e Fê para o estúdio da gravação e gravei toda a movimentação da equipe da Rede Globo ao local, em particular a articulação da repórter Tatiana Flores para fazer o quadro. Como captei todo o momento dela se informando sobre a banda e os técnicos montando a luz e o áudio para o link, pensei que esta gravação poderia se tornar um produto independente, principalmente para curiosos sobre a mecânica técnica por trás da câmeras e sobre as facetas de um jornalista perdido em uma pauta. Mais uma vez, estava com uma câmera mini-DV compacta, com limitações principalmente de áudio. Felizmente, Pil conseguiu depois as imagens da reportagem feitas para a televisão, e assim, foi possível fazer uma composição com as imagens da mini-DV e da Globo.

Lucy no desfile de moda: Terceira Noite da Semana FNAC na Moda

Um produto pré-planejado foi gravar o Lucy em algum evento de moda. Muito do fetiche criado em torno deles pela alta integração de sua imagem com a moda era algo que realmente achava significativo de ser filmado. Então apareceu o convite para se apresentarem na terceira Noite da Semana FNAC na Moda em 05 de abril de 2006. O percalço nesta data foi pelo estágio de Agente do Cinema BR em Movimento, que me exigia uma viagem ao Rio de Janeiro nesta mesma época, para um treinamento. Pensei não perder essa oportunidade de registro e logo acionei minha “broderr” Yale Gontijo para gravar o evento. A questão maior era fazer uma captação que valorizasse o desfile como um todo e a banda interagindo. Discuti com Yale a possibilidade de gravar com duas câmeras: uma que registrasse a banda pela lateral oposta à entrada da passarela por onde as modelos entrariam, e outra central que valorizasse o grupo frontalmente, como também o desfile. Já conhecido o espaço previamente por mim e Yale, discutimos os pontos de câmera e assim foi feito. Acredito que foi o único evento captado da banda em que não estava presente, e serei eternamente grato a Yale por isso.

Lucy no estúdio: primeiros ensaios no Pet Sounds Studio.

Foi em 14 de janeiro de 2005, já com a idéia de se fazer um documentário, que fiz o primeiro registro de estúdio, da banda. Como era (e é, por sinal...) de costume, toda sexta-feira da semana Pil e Fê iam para o estúdio ensaiar. Aproveitei a oportunidade para captar o ensaio. O procedimento foi bem simples: faria a câmera espontaneamente,

enquanto o áudio seria captado pelo microfone direcional direcionado contra a parede, para o áudio não estourar. No entanto, quando fui montar o microfone direcional, a pilha de nove volts não estava na maleta. A princípio fiquei desesperado, mas me lembrei que meu velho companheiro de guerra, Jackson Villela, estava morando em um prédio ali perto. Ele sempre foi uma inspiração. Enquanto eu fazia meu primeiro vestibular para cinema, Jack já tinha entrevistado Eduardo Coutinho em um projeto pela Católica. Liguei para Jackson e, rapidamente, o problema já estava sendo resolvido. Ele fez uma gambiarra com uma pilha de nove volts comum e logo estava pronto. Como o espaço era reduzido, Jackson ficou do lado de fora do estúdio e ficamos o casal e eu. A gravação foi tranqüila, tirando alguns problemas técnicos...Mas em geral foi um êxito.

Vídeos experimentais: Kabuku Eletropanda

A princípio, a captação do primeiro Kabuku Eletropanda veio das imagens feitas do making of da sessão de fotos para a capa do disco "A Fábula (ou Farsa?) de Dois Eletropandas" em 11 de janeiro de 2007. E por ver o trailer do *Island Empire* (2007) do diretor David Lynch pensei: por que os coelhos que aparecem no trailer com aquela atmosfera sinistra não poderiam ser pandas? Assim nasceu o primeiro vídeo experimental _ Absurda. Além desse, gravamos outro em 17 de maio de 2006, no Setor Militar Urbano de Brasília _ o Eletrochic.

Show Lucy and The Popsonics: Estréia do videoclipe Estetoscópio na FNAC

No lançamento do vídeoclipe Estetoscópio, na FNAC em 10 de agosto de 2007, a banda Lucy and The Popsonics faria uma apresentação com novo repertório, pelo lançamento do álbum "A Fábula (ou Farsa?) de Dois Eletropandas". Como não tinha ainda nenhum registro dessa nova fase da banda, achei melhor gravar com alta qualidade. Solicitei a saída do técnico e amigo Cleidson Dutra para ir captar esse show com uma câmera D30, máquina do CRTV com melhor resolução de som e imagem. Não fui pessoalmente gravar porque não opero essa câmera ainda e tinha que apresentar o clipe. A gravação foi um sucesso. Cleidson é um câmera muito autoral e fez planos muito dinâmicos, principalmente considerando que o show foi gravado com apenas uma câmera.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Serafim Ponte Grande.** 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Carlos Drumond de Andrade / seleção de texto, notas, estudos biográfico,histórico e crítico por Rita de Cássia Barbosa**. 2 ed. São Paulo: Nova Cultura,1988. 153p.

ARAÚJO, Inácio. **Cinema: O Mundo em Movimento**. São Paulo. Scipione,1995.

ARIAS, Maria José Ragué. **Biblioteca Salvat de Grandes Temas: Os Movimentos Pop.** Rio de Janeiro. Editora Salvat do Brasil, 1979.

BANDEIRA, Manuel. Teresa. In: _____. **Estrela da vida inteira (poesias reunidas e poemas traduzidos)**. 14 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

BANGS, Lester. **Relações Psicóticas/Lester Bangs [Tradução Eduardo Simantob].** São Paulo.Conrad Editora do Brasil, 2005.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 2 ed. Rio de Janeiro. Francisco Alves,1981

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIVAR, Antonio. **O que é Punk**. 1 ed. São Paulo.Brasiliense, 1982. 38ps.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo.** São Paulo: Companhia das letras, 2005.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Tradução: Benjamin Albagli, Fernando Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido. Tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo: história, teoria e prática.** 1 ed. Tradução: Maria Angélica Marques Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

EPSTEIN, Isaac. **O Signo**. São Paulo. Editora Atica,1986. 2 ed.

FERLA, Marcelo. **SuperInteressante: Coleção para saber mais – Música Eletrônica**. São Paulo. Abril, 2004.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and Roll: uma história social**. Rio de Janeiro.Record, 2002.

FURTADO, Jorge. **Um Astronauta no Chipre.** Porto Alegre:Artes Ofícios, 1992.

GERALDES, Elen; SOUSA, Janara. **Manual de projetos experimentais em comunicação.** Brasília: Casa das Musas, 2006.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LISPECTO, Clarice. **A Hora da Estrela**. 15 ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1988. 17p.

MILIAN, Betty. **O que é o amor?** São Paulo. Circulo do Livro S.A., 1983. Coleção Primeiros Passos Vol.11.

MUGGIATI, Roberto. **Rock – da Utopia à Incerteza (1967-1984)**. São Paulo. Brasiliense, 1982.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário.** Tradução: António-Pedro Vasconcelos. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1997.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2005.

ROSA, Guimarães. **João Guimarães Rosa: Ficção Completa, volume I.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

THOMPSON, Hunter.S. **Medo e Delírio em Las Vegas: uma jornada selvagem ao coração do sonho Americano.** Tradução Daniel Pellizzari – São Paulo. Conrad Editora do Brasil,2007.

TRUFFAUT, François. **Hitchcock/Truffaut**. 4 ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1983.